



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

CAMINHOS DA PESQUISA: A HISTÓRIA ORAL E O ENCONTRO ENTRE OS PROCESSOS METODOLÓGICOS E A TEORIA

PATHS OF RESEARCH: ORAL HISTORY AND THE MEETING BETWEEN METHODOLOGICAL PROCESSES AND THEORY

Charles Gomes Martins¹
consultoriaeducacional@gmail.com

José Luís Simões²
joseluis2711@yahoo.com.br

Izabel Adriana Gomes de Sena³
sena.belag@gmail.com

Resumo

A reflexão sobre a relação entre a metodologia e o uso das teorias tem sido um tema relevante no meio acadêmico. Uma das dificuldades dos pesquisadores é de elaborar um estudo em que a metodologia faça interseção com a teoria abordada. Neste artigo buscamos refletir sobre o encontro entre os processos metodológicos aplicados em pesquisas de teoria e história que são alicerçadas em teorias sociológicas. Nas pesquisas elaboradas temos estabelecido a relação da história oral com a análise metodológica de Bardin. Este estudo surgiu durante a realização da pesquisa da tese de doutoramento defendida no ano de 2018, com o título: Educação e Família: A Influência da Trajetória Familiar no acesso dos Jovens de Periferia ao Ensino Superior.

Palavras-chave: Pesquisa. Processo metodológico. Teoria. História Oral.

Abstract

Reflection on the relationship between methodology and the use of theories has been a relevant topic in academia. One of the difficulties for researchers is to develop a study in which the methodology

¹ Mestre, Universidade Federal de Pernambuco.

² Doutor, Universidade Federal de Pernambuco.

³ Doutora, Secretaria de Educação de Pernambuco.

intersects with the theory addressed. In this article we seek to reflect on the encounter between methodological processes applied in theory and history research that are based on sociological theories. In the research carried out, we have established the relationship between oral history and Bardin's methodological analysis. This study emerged during research for the doctoral thesis defended in 2018, with the title: Education and Family: The Influence of Family Trajectory on the access of Young People from the Periphery to Higher Education.

Keywords: Research. Methodological process. Theory. Oral History

Introdução

A história oral de vida foi escolhida para auxiliar na condução das teorias e das demandas dos sujeitos que apareceram durante os percursos investigativos. Identificou-se que, através da oralidade a captação das experiências vividas são evidenciadas e facilitam a análise e o entendimento dos aspectos mais íntimos das suas vidas.

O Entrelaçamento entre o Método a Teoria

O início da caminhada metodológica exige escolhas e, nessa perspectiva, é importante definir os possíveis caminhos teóricos, os processos, os métodos e as análises da pesquisa. Caminhar com a história oral é um desafio latente e igualmente é fonte de prazer nos encontros com as pessoas e suas memórias.

As formações da sociedade e suas respectivas memórias são descontínuas, uma vez que as pessoas criam e recriam imagens, tradições e identidades suas e dos outros. A história oral de vida aliada a um tipo de procedimento, a análise de conteúdo de Bardin (2009), serviram como suporte metodológico.

As pesquisas qualitativas reconhecem as experiências humanas e seus múltiplos formatos de forma evidente e sem desprezar a rigorosidade. Desse modo, o método qualitativo não precisa estar confinado aos processos nomotéticos para análise e descrição.

Segundo Creswell (2010), as principais características das pesquisas qualitativas são: ambiente natural; o pesquisador como um instrumento principal; múltiplas fontes de dados; análise de dados indutiva; significados dos participantes; projeto emergente; lente teórica; interpretativo; relato holístico. E, além dessas características existem estratégias investigativas que estão concentradas na coleta, na análise e na redação dos dados.

A pesquisa no campo da História Oral é interpretativa e, dessa forma, convida os investigadores ao envolvimento com a devida aproximação e com os distanciamentos. Nessa

direção, são observados os esforços para construir as táticas éticas durante os percursos da investigação, algo que é imprescindível a qualquer pesquisa.

Sobre a confiabilidade das pesquisas qualitativas, Creswell (2010) mostra a importância dos pesquisadores demonstrarem com clareza suas propostas e os seus passos acerca dos estudos visando, verificar a credibilidade de seus resultados. A confiança nas pesquisas qualitativas está diretamente ligada à consistência na verificação e abordagens realizadas durante todos os processos do estudo.

Algumas táticas que auxiliam na validação das pesquisas qualitativas são: triangulação de diferentes fontes de informação examinando, as evidências das fontes; verificação dos membros para determinar a precisão dos resultados; descrição rica e densa para comunicar os resultados; esclarecimento do viés que o pesquisador traz para o estudo; apresentação das informações negativas ou discrepantes as quais se opõem aos temas; passar um tempo prolongado no campo; revisão por pares para aumentar a precisão do relato; utilização de um auditor externo para examinar todo o trabalho.

Sobre as generalizações das pesquisas qualitativas observa-se, que esse fato acontece quando existe um tipo de replicação dos resultados encontrados em uma determinada pesquisa para outras investigações em contexto diferentes. Para Yin *apud* Creswell (2010, p.228), pesquisadores qualitativos estudam casos adicionais e generalizam os resultados para novos casos. É o mesmo que a lógica da replicação utilizada na pesquisa experimental.

Os resultados de um estudo em um novo cenário exigem uma documentação e procedimentos qualitativos de boa qualidade, assim como um protocolo para documentar o problema em detalhes e o desenvolvimento de um banco de dados completo do estudo.

A respeito das pesquisas narrativas, elas podem ser realizadas de diferentes formas e com uma ampla variedade analítica, através da coleta de histórias de indivíduos, documentos e conversas coletivas que relatam as suas experiências vividas.

Essas histórias podem surgir a partir das informações relatadas ao pesquisador. Nesse sentido, existe uma colaboração efetiva na pesquisa narrativa. Assim, os indivíduos têm a possibilidade de relatar suas experiências individuais e coletivas, revisitar suas memórias e se identificar enquanto protagonistas das suas histórias. Conforme explicita Creswell a seguir:

Histórias narrativas falam de experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmos. Histórias narrativas são reunidas a partir de várias formas de coletas de dados, como por meio de entrevistas, que podem construir a fonte de dados principal, e também por meio de observações, documentos, imagens e outras fontes de dados qualitativos. (Creswell, 2010, p. 69).

Existem diversos tipos de narrativas como: estudo biográfico, autoetnografia, história de vida, história oral, dentre outros. Destaco que esse trabalho não está aprisionado a um método ou a um único modelo teórico, logo recuso o engessamento do pensamento e das práticas adotadas.

Durante a condução dessa investigação, avaliou-se o método e o mesmo foi adaptado para a realidade do nosso contexto investigativo. Para que a pesquisa se tornasse inteligível, foi necessário descrever, comparar, observar as fragilidades e, principalmente, buscar o entendimento em relação ao contexto em que estão inseridos os sujeitos dessa investigação.

A escolha pelos trilhos da história oral de vida foi assertiva na condução dessa viagem investigativa, pois facilitou o olhar sobre o método e a teoria, com ênfase sobre as demandas vindas do cotidiano dos indivíduos, fato que auxiliou na reelaboração do próprio método de pesquisa.

A história oral de vida auxiliou no estudo das memórias, no entendimento da constituição das identidades e das representações. Alberti, (2004, p.27) observa que a história oral é bastante adequada para o estudo da história das memórias, das representações do passado, ou seja, estudar essa história é dá ênfase ao trabalho de constituição e de formalização das memórias. A constituição da memória é importante porque está atrelada à composição da identidade.

Assim, ressaltamos que essa metodologia consiste em um conjunto de reflexões pessoais sobre eventos múltiplos e contribui para retratar a vida de um ou mais indivíduos. A história de experiência pessoal é um estudo narrativo que apresenta as experiências individuais vividas em um ou vários episódios, situações particulares ou em contextos coletivos.

Através da oralidade, podemos captar as experiências vividas pelas pessoas, analisar e entender aspectos mais íntimos das suas vidas. Quanto mais elas se expõem a seu modo, mais rico e eficaz são os seus relatos.

A narrativa é a melhor forma para captar as experiências de vida e as histórias detalhadas de um único indivíduo ou as vidas de um número pequeno de indivíduos. É importante escolher um ou mais indivíduos que tenham histórias ou experiências de vidas a serem contadas e passar um tempo considerável com eles, colhendo suas histórias por meio de diferentes meios de coletar as informações.

A memória narrada ajuda com o posicionamento crítico avesso às antinomias com um elo entre o prático e o teórico. No pensamento acadêmico, a separação das formas de conhecimentos em cognitivo *versus* emocional tem recebido um novo significado.

Nessa direção Bruner (1990) argumenta acerca do conhecimento narrativo, demonstrando que esse é mais do que mera expressão de emoção, sendo uma forma legitimada de raciocínio de saber que ajuda a entender a complexidade das histórias relatadas pelos indivíduos sobre as tensões e dilemas de suas vidas.

Assim, a experiência observada num relato, capta a riqueza e os detalhes dos significados nos diferentes assuntos humanos embasando as evidências do mundo da vida.

Esse método da história oral auxilia o pesquisador a reconstruir as experiências humanas, refletindo sobre o vivido e dando significado ao sucedido. As narrativas organizam as experiências, quando as coisas são como devem ser (Bruner, 1990) as explicações da psicologia não se fazem necessárias.

Sobre as narrativas da história oral, Bruner (1990) destaca as contribuições para as diferentes pesquisas, frisando que grande parte está fundamentada na psicologia cultural e que essa abordagem mais histórica e interpretativa serve para apresentar como a "realidade" é construída em nossa sociedade.

O próximo subitem ressaltará a história oral de vida e suas contribuições para as pesquisas qualitativas.

História Oral de Vida

A história oral de vida é voltada para a memória dos indivíduos e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. As lembranças das pessoas individuais e, também, dos indivíduos inseridos em contextos de grupos como, familiar e social, são retratados através de recordações que estão envoltas por inferências coletivas.

A história oral de vida permite que os pesquisadores entendam as experiências individuais e as narrativas pessoais dos entrevistados. Isso é especialmente útil em áreas como

estudos culturais, estudos de gênero e estudos de minorias, onde as vozes individuais muitas vezes são negligenciadas.

A história oral de vida permite que os pesquisadores analisem criticamente as narrativas dos entrevistados, levando em consideração fatores como a subjetividade, a memória seletiva e as influências sociais e culturais. Isso ajuda a evitar uma visão simplista ou idealizada do passado.

Benjamin (1985, p.224), elucida que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. A tradição oral, que era a forma predominante de transmissão de conhecimento e experiência no passado, está em declínio devido ao avanço da tecnologia e da cultura de massa. Nessa perspectiva observa-se que, a tradição oral é mais autêntica e enraizada na experiência humana do que a escrita e, portanto, lamenta a perda dessa forma de comunicação.

A narrativa na tradição oral, são capazes de transmitir conhecimento e experiência de forma mais envolvente e emocional do que a escrita. Ele vê a narrativa como uma forma de arte que permite a conexão entre passado e presente, e que desempenha um papel fundamental na construção da identidade e da cultura de um povo.

A história no passado era transmitida de uma geração a outra através da tradição oral e pela crônica escrita. Contudo, foi posteriormente ao advento do aparelho tecnológico conhecido como gravador, que a metodologia da história oral começou a ser utilizada, na década de 1950, por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimentos. Historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos entre outros, utilizaram-se da oralidade para a realização dos seus estudos.

A história oral estuda acontecimentos históricos, sociais, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos entre outros. Ela registra e perpetua as impressões, as vivências, as lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade.

Por conseguinte, pode ser conhecida como um método de pesquisa das ciências humanas que privilegia as entrevistas com os atores que viveram ou testemunharam diferentes acontecimentos, trazendo um conhecimento do vivido muito mais complexo e dinâmico para os experimentos no campo das histórias cotidianas das comunidades, instituições, biografias, tradições culturais entre outros.

Uma entrevista de história oral ajuda a reconstruir trajetórias cotidianas, que geralmente não estão registrados em outro tipo de fonte. Assim, recompor o cotidiano não é uma tarefa simples, normalmente as pessoas recordam das ações não muito óbvias ou evidentes, essas são as que mais se mantêm na lembrança.

Desse modo, ao solicitarmos do entrevistado que reconstitua seu cotidiano, há risco de o resultado acabar sendo determinado pelas perguntas, que só conseguem trazer à lembrança alguns aspectos da vida diária. Então cabe ao entrevistador lançar mão de estratégias que permitam ao entrevistado encontrar-se com o seu passado, recordar e, assim, relatar o vivido.

Segundo Paul Thompson (1992), a história oral cresceu onde subsistia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como a história política, história operária, a história local, ou onde os historiadores têm entrado em contato com outras disciplinas como a sociologia e a antropologia.

A oralidade nos faz descobrir seu papel através das lembranças, representações e auxilia na construção de uma determinada história, que não é de forma alguma, de menor relevância e, portanto, é história viva e necessária à organização das relações sociais.

A história cultural, por sua vez, identifica como objeto de estudo a realidade social que se constitui no interior dos lugares, de maneira que podemos lê-la e pensá-la, facilitando nossas percepções sobre o mundo real construído pelas pessoas.

Para Thompson (1992), a história oral é uma metodologia favorável às pesquisas em diversas áreas de conhecimentos e pode contribuir para o resgate da memória nacional. O autor ainda ressalta a necessidade da preservação da memória dos indivíduos e a evidência de fatos coletivos.

A história oral foi basilar no desenvolvimento desta pesquisa, pois, a mesma, revisita o passado através das memórias, das experiências e dos relatos dos indivíduos. Para corroborar com esse entendimento, observa-se que a história oral deriva justamente do fascínio do vivido, quando a experiência histórica do depoente o conduz ao passado mais concreto e, por isso, torna-o mais atraente na divulgação do conhecimento.

A oralidade tem um elevado potencial de ensinamento do passado com uma fascinante experiência que se relaciona ao mundo do outro. Essa relevância destaca a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e veicula as entrevistas.

No entanto, fica evidente que são inúmeras as dificuldades que permeiam os pesquisadores que utilizam esse tipo de método. Em algumas pesquisas, o método se funde à teoria e a história oral passa a ser um suporte teórico-metodológico.

Ouvir o outro por longas horas, transcrever suas falas, redigir cuidadosamente, analisar o conteúdo do dito e publicar de forma respeitosa as histórias do outro não são tarefas fáceis. Mas, é diante da complexidade que os pesquisadores são levados a enveredar para o campo da oralidade.

Corroborando com esse pensamento, Portelli (2010) afirma: “[...] pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser colocadas nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e escrevemos.”

A história oral é constituída na narração dialógica quando existe o encontro entre os indivíduos que narram e aqueles que pesquisam. O pesquisador dá início a esse encontro, cria espaço narrativo. É relevante observar que o depoente ou narrador não contaria a sua história da mesma maneira, com as mesmas palavras para uma outra pessoa. Pois, cada entrevista realizada e documentada é fruto de dois autores, os que narram suas memórias e os que questionam, que os fazem lembrar.

A entrevista é também um momento de aprendizado quando o pesquisador precisa se aproximar dos seus objetivos de pesquisa e igualmente do narrador, respeitando seus relatos e, caso o narrador saia do foco da pesquisa, é o papel daquele que pesquisa demonstrar interesse pelo que está sendo dito para não causar distanciamentos e silenciar o narrador.

Durante a pesquisa, o depoente está vinculado a alguns condicionantes na narrativa de suas histórias, geralmente elabora um todo dos diversos acontecimentos, abrigando, em algum ponto, o topo de sua história. No decurso, o relator conduz a atenção do ouvinte para o ápice de sua história. Ele precisa sintetizar os demais elementos importantes da sua memória. Por último, necessita justapor em sua narrativa as informações que são premissas para a compreensão da história.

Durante as entrevistas se o pesquisador for atento poderá observar as tensões implícitas, o sugerido, o encoberto, o não dito. Cabe-os interpretar tanto lembranças quanto esquecimentos. Esquecimentos, omissões, os trechos desafiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas em um determinado momento histórico.

A reflexão sobre a vida contada pelo outro a partir das suas experiências, dos infortúnios, dos medos, das expectativas, das frustrações e da esperança de dias melhores é o que moveu essa investigação na busca de uma melhor compreensão acerca da configuração familiar em questão.

Foi através da oralidade que se descobriu o lugar, as vivências cotidianas e a forma como as pessoas se veem. Elas puderam se expressar com suas próprias palavras oportunizando os olhares e as vozes para aqueles que, por muitas vezes, foram silenciados e marginalizados pela sociedade.

O diálogo entre o conceito do *a priori* com o empírico, ou seja, o *a posteriori*, possibilita a elucidação de alguns signos e respectivos significados das histórias de vida e memórias.

Burke (2000) observa a memória como reconstrução do passado, uma vez que recordá-lo e escrever sobre ele não é uma atividade ingênua e inocente como muitos julgavam anteriormente. Identificar acontecimentos públicos relevantes para o nosso grupo que são incorporados em nosso cotidiano passam a ser incorporados e filtrados por nossas estruturas comportamentais.

A memória é uma ferramenta preciosa para a construção da crônica do cotidiano. Mas, ela corre o risco de cair numa “ideologização” da história do cotidiano, como se essa fosse o avesso oculto da história política hegemônica.

Nessa perspectiva, a memória pode ser trabalhada como um intermediário entre as gerações. A História oral de vida pode auxiliar e amparar os testemunhos vivos, reconstruindo comportamentos e sensibilidades de uma época.

Para Bosi (2013), a memória é parte do presente e, através das fontes orais, pode-se colher diferentes pontos de vista e assim auxiliar na recomposição da história, como observa-se na seguinte afirmativa:

Como arrancar do fundo do oceano das idades um “fato puro” memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. A fonte oral sugere mais que afirma, caminha

em curva e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa. (BOSI, 2013, p. 19-20- Aspas no original).

Partindo dessa observação de Bosi sobre a fonte oral, apresentou-se os depoentes escolhidos para relatar suas histórias de vida nessa pesquisa. Os sujeitos são familiares dos estudantes moradores da comunidade do Coque que ingressaram nas universidades federais de Pernambuco no período de 2002 a 2012.

Para falar sobre os pesquisados é imprescindível entender de onde esses falam, o seu lugar, a casa, a relação com a comunidade, a sua configuração familiar entre outros aspectos. A pesquisa em questão, busca entender como os fatos ocorridos no passado das famílias pobres moradoras da periferia influenciaram na formação dos seus filhos e ou parentes mais próximos.

Para tal, foi necessário aprofundar a interação com os sujeitos, transformando as informações dos depoimentos em relatos de vida e, ainda, respeitar a disposição e o tempo do outro, dispondo da atenção generosa e envolvida. Essa dedicação profusa nos convida a privar tudo o que chamamos de “eu” da luz da atenção e transferi-la para o que está fora de nós.

Assim, surge a oportunidade de aguçar as faculdades e realizar a entrega, através do olhar e da escuta do secreto, do silencioso e do quase inaudível. A atenção vislumbra ultrapassar as barreiras das conclusões apressadas, do desinteresse angustiante por determinados assuntos que aparentemente não interessam ao pesquisador.

A dinâmica da vida com suas memórias, suas imagens, suas identidades construídas são sempre incompletas e correspondem a uma multiplicidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que não se encontram parados no tempo, mas em continua transformação.

Processos Conclusivos

A relação entre metodologia e teoria em história oral é fundamental para a compreensão e interpretação dos relatos e testemunhos coletados. A metodologia em história oral refere-se aos procedimentos e técnicas utilizados para coletar, registrar e analisar as narrativas orais. Isso pode incluir entrevistas, gravações, transcrições, análise de conteúdo, entre outros métodos.

Por outro lado, a teoria em história oral refere-se aos princípios teóricos e conceituais que fundamentam a abordagem da história oral. Isso pode envolver questões de memória, identidade, poder, representação, subjetividade, entre outras temáticas.

A relação entre metodologia e teoria em história oral é interdependente. A escolha da metodologia utilizada na coleta de depoimentos orais é influenciada pela teoria subjacente, pois a teoria orienta as perguntas e as abordagens adotadas durante as entrevistas.

Da mesma forma, a análise e a interpretação dos relatos orais são também orientadas pela teoria, que fornece um arcabouço conceitual para compreender as experiências individuais e das configurações.

Assim, a relação entre metodologia e teoria em história oral é dinâmica e complexa. A escolha da metodologia e a aplicação da teoria são processos interligados que contribuem para a construção do conhecimento histórico a partir das narrativas orais. É importante considerar tanto os aspectos práticos da coleta e análise dos relatos quanto as implicações teóricas e conceituais envolvidas na interpretação dessas fontes.

A relação entre metodologia e teoria em história oral é fundamental para a compreensão e interpretação dos relatos e testemunhos coletados. A metodologia em história oral refere-se aos procedimentos e técnicas utilizados para coletar, registrar e analisar as narrativas orais. Isso pode incluir entrevistas, gravações, transcrições, análise de conteúdo, entre outros métodos.

Bardin (2009), desenvolveu uma abordagem sistemática para a análise de conteúdo, que envolve a codificação e categorização de dados qualitativos. Ela argumenta que a análise de conteúdo pode ser aplicada a diferentes tipos de materiais, como entrevistas, documentos escritos e mídia. Portanto, enfatiza a importância da codificação na análise de conteúdo, sugerindo que os pesquisadores devem identificar unidades de significado nos dados e atribuir categorias a essas unidades assim, a codificação permite a organização e a interpretação dos dados coletados.

Assim, no que se refere a história oral e a análise de conteúdo destacamos a importância da voz dos indivíduos, dos grupos marginalizados, dos invisibilizados pelas sociedades. Esse processo necessita de planejamento cuidadoso das entrevistas, da codificação e da categorização dos dados de forma atenta e respectiva interpretação dos significados subjacentes e da busca por padrões e tendências.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 11º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. Peter. **História como memória social**. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. 3º Edição. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.